

## A OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO EM DURKHEIM E WEBER: UMA REFLEXÃO METODOLÓGICA.

### THE OBJECTIVITY OF KNOWLEDGE IN DURKHEIM AND WEBER: A METHODOLOGICAL REFLECTION.

Vagner Gomes Bijagó<sup>1</sup>  
vagner.bijago@delmiro.ufal.br

#### RESUMO

Este artigo discute a objetividade do conhecimento nas ciências sociais, a partir da perspectiva de Émile Durkheim e de Max Weber. Apresenta os debates fecundos em torno de objetividade do conhecimento impetrado por Durkheim e da subjetividade do conhecimento postulado por Weber. A reflexão pondera as duas perspectivas, situando o período histórico da sua construção, suas aproximações e distanciamentos, pontuando e ratificando o rigor científico como a espinha dorsal da elaboração científica imanente às suas produções. Eclodindo frontalmente com uma certa “militância acadêmica” que ignora a noção da neutralidade axiológica para assim produzir a sua ideologia convicta. Portanto, a discussão relativa à importância destes autores clássicos no forjamento das Ciências Sociais, em especial, a questão do método.

**Palavras-Chaves:** Émile Durkheim. Max Weber. Objetividade do Conhecimento. Subjetividade do Conhecimento.

#### ABSTRACT

This article discusses the objectivity of knowledge in the social sciences, from the perspective of Émile Durkheim and Max Weber. It presents the fruitful debates around the objectivity of knowledge brought by Durkheim and the subjectivity of knowledge postulated by Weber. The reflection considers the two perspectives, situating the historical period of its construction, its approximations and distances, punctuating and ratifying scientific rigor as the backbone of the scientific elaboration immanent in its productions. Erupting head-on with a certain “academic militancy” that ignores the notion of axiological neutrality in order to produce its convinced ideology. Therefore, the discussion revives the importance of these classic authors in the forging of Social Sciences, especially in the matter of method.

**Keywords.** Emile Durkheim; Max Weber; Knowledge Objectivity; Knowledge Subjectivity.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas (UFAL) *Campus Sertão*.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa trazer reflexões sobre a metodologia das ciências sociais em Durkheim e Weber. Sabe-se que nas ciências sociais não existe uma homogeneização ou uma uniformidade sobre os caminhos para a construção do conhecimento, daí a importância de trazer para o debate, dois autores cuja produção teórica e metodológica nos guia até hoje, mesmo com propostas metodológicas diferentes. A importância destes autores se reconhece não pelo biográfico e sim pelo bibliográfico, ou seja, não pela história de vida de cada um, mas pela produção teórica voltada a refletir o lugar das ciências sociais, sobretudo a questão do método. Mesmo com o projeto de fundação da sociologia imprimido por estes autores, eles ainda são alvos de discriminação e /ou de rótulos e até de casos extremos que apontam a sua superação, críticas ainda centradas no binarismo (certo, errado; mal, bem; inferno, glória). De tal modo, que o Durkheim enquadrado como objetivista e Weber como subjetivista, sem, no entanto, contextualizar o período histórico da produção em questão, ou ao menos fazer algumas indagações como, por exemplo, quais eram as áreas do conhecimento cristalizadas da época e quais tendências se devem tomar para legitimar o trabalho sociológico do período, ao invés de fazer uma leitura simplória. Este trabalho caminha também no sentido de chamar atenção dos precipitados sobre a superação dos fundadores da sociologia, pois se esquecermos o nosso passado significa dizer que não temos o presente, e o presente só se completa com o passado e o futuro, mas fundamentalmente com o passado, pois serve sempre como bússola, nesse caso os trabalhos do Weber e Durkheim serviam, servem e servirão como dispositivo de direção nos caminhos obscuros da procura pela cientificidade.

## DURKHEIM E A OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO

Às vezes somos levados de forma preconceituosa a atacar o positivista que existe em Durkheim sem, no entanto, buscar as contribuições trazidas pelo positivismo por forma a balizar, definir e delimitar fronteiras teóricas e metodológicas em busca de um

lugar científico para as ciências sociais mesmo que para isso fosse obrigado a remeter as metodologias utilizadas nas ciências naturais que era modelo científico de então.

Esta preocupação é tão patente em Durkheim ao ponto de tomar para si a responsabilidade de escrever as regras do método sociológico no sentido de legitimar a sociologia como ciência e de distingui-la em relação às outras áreas de conhecimento, ou seja, demarcar o território sociológico. Neste sentido, direciona críticas à psicologia e à economia, chamando atenção sobre a concepção de sociedade. Para o pensador, estas áreas de conhecimento equivocadamente concebem a sociedade como um mero somatório dos indivíduos e, conseqüentemente estuda os comportamentos individuais. Negligenciam assim o produto final que é o resultado deste somatório, que funciona como fio condutor dos indivíduos que exerce um poder coercitivo e coativo sobre eles que independe das suas vontades individuais; ainda sobre a objetividade do conhecimento e a conduta do pesquisador ele afirma:

Devemos afastar sistematicamente todas as prenoções. (...) Descartes se impõe a obrigação de duvidar de todas as idéias anteriores aceites, é porque pretende utilizar apenas conceitos cientificamente elaborados, isto é, construídos segundo o método que estabeleceu; todos que provêm de outra origem devem, pois, ser rejeitados, pelo menos provisoriamente (DURKHEIM, 2001, p.54-55).

Com esta afirmação, ao abordar sobre o fato social fica explícito o quanto é “sagrado” a isenção do cientista dentro de um processo de investigação, pois ele parte de princípio que este deve conceber o fato social como coisa ao menos provisoriamente, esta forma de compreender a investigação é também compartilhada por alguns historiadores, como é o caso de Ranke, que afirmava que o historiador não deve julgar ou dar lições, mas relatar os fatos tal qual eles ocorram realmente. Também nesta mesma linha Seignobos corrobora através da sua abordagem das matérias históricas, onde o sujeito cognoscente deve anular seu próprio “eu” para melhor mostrar o “em si” da coisa, ao qual se deve voltar mais de uma vez ao longo do estudo (DOMINGUES, 2004, p.174).

Esta busca incessante pela objetividade do conhecimento é constitutiva das ciências positivas onde o investigador deve esforçar-se quase que de forma obsessiva em estabelecer proposições “incontestáveis” em torno delas, o resultado da pesquisa passa a

ser unânime e acatada para toda a sociedade; sempre deve se trabalhar no sentido de apreender uma fórmula tão impessoal que não possa ser impressa da outra forma; ademais uma proposição impregnada da marca pessoal de um homem não é digna de uma verdade prestes a entrar no domínio público. Nesta linha de raciocínio Domingues afirma que:

Quanto à questão de saber como estabelecer as correlações, fixar os nexos causais e instaurar as leis que governam os fenômenos humano-sociais, quem nos dá um bom exemplo da atitude do positivista e das regras a ser por ele seguida na análise dos fenômenos sociais é Durkheim, especialmente em sua obra consagrada ao estudo do suicídio (DOMINGUES, 2004, p.174).

Nesta mesma perspectiva Durkheim (2001) traz contribuições que dão conta de explicar a diferença entre o normal e o patológico. Para ele, em sociologia, pode ser considerado normal todos os fatos que apresentam às formas mais gerais e que ocorrem com certa regularidade. Os que fogem a esta regra recebem o nome de mórbidos ou patológicos. Como recurso metodológico, ele traz para análise o tipo médio, uma individualidade abstrata que reuniria todas as características mais frequentes da espécie, logo se pode dizer que o tipo normal se confunde com o tipo médio uma vez que o normal apresenta estas características, e qualquer desvio a este padrão é considerado como mórbido ou patológico.

Dito isso, se pode considerar como normal a doença, o assassinato o suicídio e outras formas de conflitos sociais, desde que apresentam as características do tipo médio ou normal, caso não apresentem tais características, pode-se afirmar que se está perante um fato mórbido ou patológico. É corriqueiro tentarmos banir a doença em nós assim como um ato de assassinato e os conflitos, estes agentes geralmente são vistos como “intrusos” e estranhos ao nosso tecido biológico e social, quando na realidade são constitutivos do tecido biológico e social de tal forma que, ainda que de forma inconsciente ajude a manter o equilíbrio social. Aliás, estes agentes desconfortantes funcionam também como termômetro biológico e social, ou seja, é um meio através do qual se pode sinalizar o grau da funcionalidade social. Ora para medir o nível de saúde das pessoas, ora para medir o nível de violência, e se estes indicadores forem anormais aí

sim, pode transformar em dados para as instituições competentes no sentido de uma intervenção no âmbito das políticas públicas no sentido de normalizar a situação.

Na abordagem sobre a questão do método, percebemos a preocupação com a demonstração objetiva dos fenômenos sociais, esta forma de conceber a ciência faz com que o autor lança a mão para a utilização do método estatístico adaptado a sociologia, Durkheim consegue com propriedade medir a taxa de suicídio e estabelecer os nexos causais que podem ser fatores psicológicos, médicos (patológicos), o fim de um casamento, depressão aguda, alcoolismo etc. Também nesta perspectiva podem-se levar em consideração os fatores externos, ou seja, não sociológicos, a exemplo de (raças, distúrbios mentais etc.), para ele, os fatores extra sociais não dão conta da explicação de algumas propriedades observadas nas taxas. Como por exemplo, o fato de ela permanecer estável de diferentes sociedades de ano para ano, e aumentando nos períodos de instabilidade e crise econômica mais ou menos prolongada. Diminuindo em períodos e estabilidade e de estagnação, logo se pode afirmar que contém uma lógica social na explicação e na compreensão do suicídio.

Por outro lado, o aludido autor registra que em países católicos se registra a menor taxa suicida se comparado aos países protestantes. Para ele esta assimetria se deve a uma ética católica que é diferente da protestante. A ética católica se funda em solidariedade, de uma não frouxamente dos laços sociais e na coletividade, ou passo que a protestante o protestante o caminho inverso, a sua ética é calcada na frouxidão das relações sociais e das comunidades religiosas e no individualismo.

Nestes moldes é justificável e possível de constatar sociologicamente que numa situação de crise se os dois mundos com éticas distintas forem abalados sentirão o impacto do abalo de forma diferenciado, pois seus campos simbólicos estão construídos de forma não homogênea, vai se requer um nível de solidariedade muito grande e menos o individualismo característico dos protestantes. Logo se justifica o porquê do baixo índice de taxa suicida dos países católicos se comparado aos protestantes, por assim ser, durkheimianamente falando, podemos afirmar que os protestantes se expõem mais as correntes egoísticas e suicidóginas ao romper o elo tênue que os ligava à sociedade. Além desse contraponto, o sociólogo ainda estabeleceu por outro lado que se comparados a taxa suicida entre os protestantes católicos e judeus, este último fica numa posição intermediária (DOMINGUES, 2004: 175-76).

O sociólogo francês não se limitou apenas a estudar o suicídio de forma particular como vimos acima, mas também estabeleceu leis universais para a compreensão do fenômeno em diferentes esferas da sociedade. Nesse sentido, tipificou as diferentes formas do suicídio: anômico, egoísta e altruísta. Ainda nos exorta que a possibilidade de ocorrer a maior taxa de suicídio na cidade é muito maior que no campo, pois a complexificação das relações sociais, a industrialização e a frouxidão das relações sociais, a baixa taxa de solidariedade cria um ambiente favorável para o desencadeamento das práticas suicidas.

Diferentemente do campo, onde as relações sociais são mais coesas, calcada numa alta solidariedade minando assim as possibilidades de individualismo que por sua vez minimiza significativamente as possibilidades as correntes suicidóginas que tem como a sua motivação principal a desintegração social e a falta de solidariedade, tais características é quase inversamente observado no campo se comparado a cidade.

O rigor científico pode ser considerado como marca em obra de Durkheim também em o Suicídio não foi diferente, é notória a sua preocupação com a comprovação dos fatos; senão vejamos: na discussão sobre raça<sup>2</sup>, o autor de O Suicídio coloca em dúvida o conceito de uma raça pura, a ideia bíblica da humanidade ou de uma localidade onde nasceram os primeiros homens. Ideia está defendida por Quatrefages, onde sustenta que a raça pode ser definida como “conjunto de indivíduos semelhantes que pertencem a uma mesma espécie e transmitem por gerações sexuais os caracteres de uma variação primitiva. Para ele estas afirmações não passam de conjecturas uma vez que não é passível de uma comprovação com a experiência”. Em contraposição a esta idéia, o autor de Suicídio diz:

o Infelizmente, se aderirmos a esta formulação a existência e o domínio de uma raça só poderão ser estabelecidos com o auxílio de uma investigação histórica e etnográfica, cujos resultados são sempre duvidosos, já que em se tratando de questões de origem, só se pode chegar a possibilidades muito incertas. Ademais, não se pode afirmar a existência, em nossos dias, de raças humanas que correspondem a essa definição; pois, em decorrência dos cruzamentos havidos em todos os sentidos, cada uma das variedades das nossas espécies deriva de origens

---

<sup>2</sup> Esta discussão entre Durkheim e Quatrefages se justifica não pela superação do debate, mas, sobretudo pela crítica feita por Durkheim ao Quatrefages sobre sua produção cuja cientificidade é duvidosa ao menos provisoriamente, uma vez que a sua afirmação não traz no seu bojo elementos que dão a sustentabilidade.

muito distintas. Portanto, se não nos for dado outro critério, será muito difícil conhecer as relações que as diferentes raças mantêm com: suicídio [...] (DURKHEIM, 2003, p.64).

O recurso a uma abordagem não somente qualitativa, mas também quantitativa, pode ser percebida como uma preocupação do autor em trazer dados objetivos que expliquem o universo social estudado sem, no entanto, oferecer dúvidas de ponto de vista metodológica sobre a cientificidade do resultado final do estudo. Nos dados estatísticos apresentados por ele, teve sensatez de expor amostras de taxas de suicídios entre homens e mulheres, regiões de um mesmo país, entre os países<sup>3</sup>, faixa etária das pessoas que se suicidam e entre religiões católicas protestantes.

Com a afirmação acima, podemos perceber a influência de Descartes em Durkheim, sobretudo no que tange a questão do método, do rigor científico, do não juízo de valor, de afastar todas as pré-noções, este é típico de um cientista preocupado fundamentalmente com a objetividade do conhecimento.

Ainda exorta o referido autor que os fatos sociais apresentam características muito especiais: que consistem em formas de agir, de pensar e de sentir que se encontram fora do indivíduo munido de uma força coercitiva através da qual se lhe impõe. No entanto, não se pode confundir estes com os fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e em ações; nem com fenômenos psíquicos, pois é desprovido da existência se não na consciência individual. Constituem então uma espécie nova que ao se pode atribuir a qualificação de sociais (DURKHEIM, 2001)

Com esta afirmação podemos perceber a preocupação com o rigor metodológico nele, aliás esta preocupação perpassa todos os seus livros. No seu livro sobre as regras do método sociológico, dirige primeiramente críticas ao Spencer e Stuart Mill demonstrando a fragilidade dos seus trabalhos de ponto de vista de uma metodologia das ciências sociais e de um rigor científico na produção dos seus trabalhos, nestes moldes Durkheim afirma:

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que estes estudos foram feitos em muitos países da Europa sobretudo trabalhou com dados secundários de Morcelli. Esta discussão entre Durkheim e Quatrefages se justifica não pela superação do debate, mas, sobretudo pela crítica feita por Durkheim ao Quatrefages sobre sua produção cuja cientificidade é duvidosa ao menos provisoriamente, uma vez que a sua afirmação não traz no seu bojo elementos que dão a sustentabilidade.

Vale ressaltar que estes estudos foram feitos em muitos países da Europa sobretudo trabalhou com dados secundários de Morcelli.

Os grandes sociólogos cujos nomes acabamos de referir praticamente não passaram das generalidades, em relação à natureza das sociedades, sobre as relações do reino social e do reino biológico, sobre a sociologia de Spencer, só tem por motivo como a lei da evolução universal se aplica às sociedades (DURKHEIM, 2001, p. 24).

Com efeito, Durkheim (2001) compreende a sociedade como a somatória das pessoas, cujo resultado extrapolam-nas e exerce a coerção sobre elas. Logo, podemos perceber que no entendimento durkheimiano, a sobreposição da sociedade sobre a pessoa se apresenta evidente, quase axiomática. Isto é: se a pessoa não agir de acordo com as regras da sociedade que vive, sofrerá a punição da mesma. A característica que ele denomina “generalidade”, prende-se também ao princípio axiomático de que, existe uma validade universal para os fatos sociais, isto é: independe da sociedade que o sujeito pertence, sempre haverá os fatos sociais de acordo com as lógicas sociais daquela cultura. Porém, em outros casos, a coerção é menos violenta, mas não deixa de existir. Se não se submeter às convenções do mundo, como por exemplo: se ao vestir, não se levar em consideração os costumes observáveis no seio social na qual está inserido, o risco de se provocar o afastamento das pessoas é evidente e produz, ainda que de maneira diferenciada e atenuada efeitos tão coercitivos quanto uma pena convencional.

O rigor científico pode ser considerado como uma marca das obras do autor. Percebe-se claramente a influência de Descartes nas suas ponderações metodológicas, o rigor científico, do não juízo de valor, de afastar todas as pre-noções, típico de um cientista preocupado fundamentalmente com a objetividade do conhecimento.

Nesta busca do rigor científico, Durkheim chega a conceber a sociologia como prolongamento da biologia. Nesse sentido, o autor das “Regras do Método Sociológico” concebe a sociedade como um organismo biológico em que a funcionalidade harmoniosa entre os órgãos é de vital importância para a manutenção do todo orgânico. No imaginário durkheimiano, há indicações de que é possível estabelecer uma comparação, ainda que hipotética, dos organismos biológicos com as instituições sociais, em que a disfunção de uma delas compromete a funcionalidade do todo.

Neste sentido, pode-se conceber ao Durkheim, o título de organicista ou funcionalista uma vez que se preocupa com a organização social e moral da sociedade.

Esta preocupação se evidencia no seu livro<sup>4</sup> onde demonstra como a divisão do trabalho social pode ser um fator mantenedor da solidariedade social, pois geraria a interdependência entre os trabalhadores uma vez que não executam a mesma tarefa, nesse sentido não haveria a necessidade de se anularem, visto que existe um ambiente favorável para a coesão, logo se instala a solidariedade; nesta perspectiva ele sustenta que:

Um sentimento coletivo, que se manifesta numa assembléia, não exprime apenas o que havia de comum entre todos os sentimentos individuais. É algo de muito diferente, como já mostramos. É uma resultante de vida comum, um produto das ações e das reações entre as consciências individuais; e se ressoa em cada uma delas, e em virtude da energia especial que deve justamente à sua gênese coletiva. Se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma concordância espontânea e prestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros (DURKHEIM, 2001, p.37).

Esta forma de conceber a sociologia pode de certa forma trazer subsídios para uma explicação sobre o fato social proposto por autor: que os fatos sociais devem ser tratados como coisa<sup>5</sup>, a princípio esta afirmação pode causar certo estranhamento na cabeça do leitor, este pode até se perguntar por que coisa? Mas um olhar atento pode desvendar que o autor atribui o nome de “coisa” a algo ainda por descobrir, caótico, duvidoso e confuso. Uma “coisa” ainda é algo desconhecido.

De acordo com Durkheim o fato social pode ser designado mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade, por menos que apresentam com certa generalidade, algum interesse social. Ainda o autor sustenta que quando executamos compromissos que assumimos e cumprimos deveres que são definidos independentemente da nossa vontade no direito e nos costumes ainda que eles estejam na direção dos costumes e sentimentos na qual concordamos, este não deixa de ser objetiva

---

<sup>4</sup> Da Divisão do Trabalho Social

<sup>5</sup> Às vezes o nível de abstração da construção teórica pode dificultar o entendimento do leitor, por isso atentamos para um exemplo sobre o fato social, demonstração do próprio autor: o ato de dormir e de comer é biológico, mas também é estabelecido socialmente, sobretudo o horário de dormir e de comer envolvendo ainda até a que comer. Sentir a fome é um ato biológico, mas o que comer é estabelecido socialmente, às vezes independente da nossa vontade e exerce um poder coercitivo sobre nós e legitimado pela sociedade.

a nós, pois não fomos nós que as instituiu, mas sim foi recebida pela educação (DURKHEIM, 2001).

Esta conduta não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em função da qual se impõe aos indivíduos sem, no entanto, restar-lhes alguma possibilidade de contestação. Porém em outros casos, a coerção é menos violenta, mas não deixa de existir. Se não se submeter às convenções do mundo, se ao vestir não levar em consideração os costumes observáveis no seio social na qual está inserido o risco de se provocar o afastamento das pessoas é evidente e produz ainda que de maneira diferenciada e atenuar os efeitos tão coercitivos quanto uma pena convencional. Esta questão demonstra a eficácia da coerção indireta, pois segundo ele, esta é anterior a nós e exerce um poder coercitivo sobre nós e independe da nossa vontade<sup>6</sup>.

Por outro lado, o autor nos fala sobre as regras relativas à constituição dos tipos sociais, neste sentido Durkheim dialoga com os historiadores e filósofos no sentido de obter resultados científicos característicos dos tipos sociais. Ele reconhece a infinita variabilidade do real, ou seja, das instituições morais, jurídicas, econômicas, etc., mas, no entanto, estes obstáculos não anulam a possibilidade de um olhar científico sobre elas.

Com efeito, ele nos revela um adepto do método comparativo, pois parte de pressuposto que num ato de investigação o uso do recurso comparativo pode ser um meio de obter resultados acerca de uma dada realidade, sem, no entanto, negligenciar as suas limitações no sentido de não cair nas suas armadilhas que leva a comparação das sociedades ou dos fatos cuja característica fundante é dissociável. Mas é sobretudo nas regras sobre o estabelecimento das provas que se percebe claramente o uso do método comparativo, quando ele afirma que: “temos um meio somente de demonstrar que um fenômeno é a causa de outro: é comparando os casos em que estão simultaneamente presentes ou ausentes, e procurar saber se as variações por elas apresentadas nessas diferentes combinações de circunstanciais testemunham que um depende do outro” (DURKHEIM, 2001, p.133). Ainda na busca incessante pela comprovação e a

---

<sup>6</sup> Exemplo de uma coerção indireta: estando no seu país é obrigado a utilizar o dinheiro que aí se usa. E se for a outro país é obrigado a fazer câmbio do dinheiro que se usa no seu país para o país de chegada, caso contrário seu equivalente universal de troca fica sem valor útil naquele país. Da mesma forma vai acontecer no que se refere a língua, estando num país estrangeiro é obrigado a comunicar na língua deles, caso contrário corre-se o risco de ser incomunicável, por assim ser é quase impossível agir de outra forma.

experimentação o autor demonstra a impossibilidade de alcançar a “exatidão” das ciências exatas e biológicas visto que a natureza e o objeto destas áreas de conhecimento são distintos.

Logo fica evidenciado que as ciências sociais são mais complexas onde a utilização do método experimental é mais difícil. No entanto isso não o torna menos importante, pois segundo Durkheim “a sociologia não é, portanto, o anexo de qualquer outra ciência; é ela própria uma ciência distinta e autônoma e a noção da especificidade da realidade social é de tal modo necessário ao sociólogo que só uma cultura sociológica pode prepará-lo para a compreensão dos fatos sociais”. Esta observação demonstra um Durkheim preocupado com a autonomia da sociologia, uma sociologia não atrelada às outras ciências já consolidadas, com vista a independência teórica e metodológica, trabalhou com afincamento nas suas obras tendo como elemento fundante o rigor teórico metodológico que funcionaria como passaporte para a consolidação e a autoafirmação da sociologia. Mesmo que para isso fosse obrigado a negligenciar a subjetividade, o juízo de valor inerente ao pesquisador no processo de produção do conhecimento.

## **WEBER E A SUBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO**

Diferentemente do Durkheim, Weber teve outra compreensão no que se refere à objetividade das ciências sociais, talvez esta diferença de percepção se explique em grande parte pela influência da hermenêutica fundada em descrição, explicação e interpretação. Neste sentido Weber inaugura uma nova concepção na relação sujeito objeto onde postula a idéia de uma epistemologia construtivista e não operacionalista. Pois segundo ele, o conhecimento deve ser concebido como uma construção teórica ou mental vinculando-o a uma perspectiva que a realidade é infinita e inesgotável, portanto, não é passível de conhecer na sua plenitude.

Nesta linha de raciocínio, nos vem à mente a reflexão sobre sujeito e objeto, sobretudo das possibilidades do conhecimento do real; aí nos depara com duas realidades principais, de um lado tendo em conta a viabilidade da pesquisa se manipula a realidade para conhecê-la e por outro lado se conhece a realidade para manipulá-lo, nesta dialética para apreender o real que é caótico, confuso, difuso, infinito e inesgotável, o cientista não

consegue por tais condições ter o domínio do real, visto que esta incompletude é a característica fundante do real. Por assim ser, Weber enxerga o conhecimento não como algo dado, mas sim um processo de construção, desconstrução e reconstrução, em outras palavras poderiam significar algo inacabado. Ainda se observou que no processo de construção do conhecimento nas ciências sociais não é passível de dissociar o objetivo de subjetivo, ou seja, a exterioridade e a interioridade, senão vejamos a observação do autor quanto à construção do conhecimento:

Que fique claro também o modo como a epistemologia construtivista weberiana se instaura, o papel do sujeito construtor e o limite do argumento do criador. Quem instaura e deflagra a investigação é o problema, cujo modo de colocação não pode ser metodizado nem formalizado, a depender do sujeito (que o seleciona) e considerado da ordem da heurística (modo como intui e o compreende). Quanto ao sujeito e ao seu papel, por mais importante que seja (e Weber nunca negou isso), seu limite não poderia ser mais claro: não se trata de uma nova demiúrgia; o cientista não cria e não constrói o sentido, mas o recria e o reconstrói (DOMINGUES, 2004, p.412).

A afirmação acima pode nos levar a pensar neutralidade axiológica como uma categoria conceitual de análise que Weber lança mão para explicar que no processo de construção do conhecimento está embutido pontos de vistas “unilaterais” assim como a necessidade de formação de conceitos precisos e na rigorosa separação entre o “saber empírico” e o “juízo de valor” sem com isso se acreditar na existência de algo essencialmente novo. Em última análise pode-se dizer que nada se cria, mas, no entanto, se recria, se interpreta, reinterpreta e sem perder de vista que o pesquisador é um ser eminentemente cultural.

Nesta dinâmica do conhecimento Weber ao contrário do Durkheim demonstra o elemento valorativo da ciência, segundo ele o investigador social é por excelência um ser cultural, nesta óptica ao realizar um trabalho investigativo deve, sobretudo procurar a neutralidade e a objetividade, visto que estas são uma das características basilares que levam a legitimação ou não de uma produção. Mas por outro lado, o autor da *Ética Protestante* teve a capacidade e a ousadia de demonstrar os limites da neutralidade do pesquisador, limites estes constitutivos do próprio pesquisador. Ele nos chama atenção que o ato de elegermos dentro de um universo um determinado objeto de investigação e

não o outro, por si só é um ato valorativo, ou seja, o ato da escolha do objeto pode ser caracterizado pela simpatia do pesquisador para com objeto escolhido. O autor ainda sustenta que o indivíduo histórico está carregado de “ideias de valor”. Dito isso, fica evidente que cada pesquisador carrega consigo a sua cultura e a sua visão do mundo que de forma involuntária acaba aparecer no trabalho. Vejamos o que Weber nos diz a respeito:

Uma ciência empírica não pode ensinar a ninguém o que deve fazer. É verdade que, no setor das nossas atividades científicas, continuamente são introduzidos elementos da cosmovisão pessoal, bem como na argumentação científica. Eles sempre causam problemas, fazendo com que nós atribuamos pesos diferentes na elaboração de simples relações causais entre fatos, na medida em que o resultado aumenta ou diminui a possibilidade da realização de nossas idéias pessoais (WEBER, 1992, p.111).

Mas esta afirmação não deve de forma alguma induzir os leitores a pensar que o Weber está fazendo a apologia de um conhecimento que tem como pano de fundo juízo de valor, pois é justamente esta forma de conceber a ciência que ele repudia. Neste sentido podemos lembrar a distinção que ele faz entre o cientista e o ativista, para ele não existe a incompatibilidade de residir em uma pessoa o cientista e o ativista, mas é de fundamental importância informar quando começa a fala do cientista e quando cessa assim como sinalizar a fala do ativista e quando encerra. Se assim não for pode gerar dúvidas ao leitor sobre a imparcialidade do cientista uma vez não existir meios para aferir até que ponto fala o cientista ou o ativista (WEBER, 1992, p.117). Esta chamada de atenção pode nos pareceres óbvio, mas é de uma importância metodológica inestimável no sentido que estabelece o princípio de corte entre o pesquisador e o político isto possibilita que o receptor estabeleça análise de momentos distintos de uma mesma análise.

No próprio dizer do Weber, o termo “juízo de valor” tem provocado um mal-entendido e uma discussão do termo totalmente infecundo. As acusações infrutíferas se referem a avaliação prática tendo em vista determinados pontos de vista éticos, culturais ou de qualquer outra natureza. Ele ainda sustenta que a ciência se esforça em produzir

resultados “providos de valor”, isto é, resultados que são corretos a partir de um ponto de vista da lógica com relação aos fatos, e resultados que são importantes no sentido do interesse científico, e mais ainda, que a própria seleção do objeto reflete numa avaliação (WEBER, 1992).

Nesta investida de trazer elementos teóricos e metodológicos para explicar o social e de fundar a sociologia, Weber faz um esforço no sentido de trazer um método de análise que é o “tipo ideal”. Este recurso, segundo ele, pode ser utilizado para caracterizar um tipo específico de consciência típica dos homens de certa época, possibilitando assim a construção de um tipo de consciência a qual não se atribui nenhum predicado, ou seja, está fora da história. Nesta ordem de idéia, as construções dar-se-ia sempre dentro das investigações empíricas, tendo como o único fim “comparar” a realidade empírica, estabelecer a semelhança ou o contraste e estabelecer a aproximação ou não com intuito de descrever, compreender e sobretudo explicar a realidade estudado (WEBER, 1992, p. 394-5).

Nesta mesma direção, Julien Freund corrobora com Weber no que tange o papel do tipo ideal, segundo ele este recurso é construído único e exclusivamente para a pesquisa, pois nenhuma realidade é capaz de reproduzir integralmente a infinidade do real, nesse sentido o tipo ideal vem no sentido de colaborar através do recorte e de certos pontos de vistas constitutivo do próprio pesquisador (FREUND, 1988, p. 48).

Mas é no livro intitulado a Ética Protestante e o espírito do Capitalismo que Weber vai dar uma das contribuições mais importantes da sua obra. Neste livro o autor se encarrega de fazer uma análise das religiões cristãs, sobretudo o protestantismo e o catolicismo. Desde logo Weber percebeu que os protestantes têm como característica principal a impessoalidade e o empreendedorismo, pois se comparados aos católicos veremos que não crescem na mesma direção, esta assimetria de ponto de vista de crescimento está vinculada a uma ética calcada nos pilares diferentes e antagônicos. De um lado, a ética católica preocupa com a coesão social, não afoito a competitividade e nem um planejamento a longo prazo.

Diferentemente da ética católica, os protestantes têm uma visão do mundo onde a busca pela maximização do lucro, a impessoalidade e a competitividade é a regra, ainda que para isso levasse ao afrouxamento das instituições sociais (WEBER, 2004). Ainda o autor demonstra que no universo dos católicos e protestantes entre os formados verifica-

se que em termos percentuais, os protestantes procuram mais cursos e recebem estudos técnicos, comerciais e industriais. E por outro lado, os católicos já preferem os cursos ofertados pelos ginásios humanísticos. Entretanto esta observação de Weber, não decreta de forma imperativa ou explica cabalmente a menor participação dos católicos nas empresas, mas não se pode negar que é uma das razões da fraca participação dos católicos nas empresas capitalistas. Registra ainda que os diaristas católicos tendem a preponderar nas suas oficinas trabalhando como mestres-artesãos, enquanto os protestantes são diretamente absorvidos pela fábrica onde ocupam cargos superiores de mão de obra qualificada e de posições administrativas. Com estas nítidas diferenças, podemos de grosso modo afirmar que o católico é menos impulsivo e prefere uma vida com pouca agitação e conseqüentemente menor aquisição material, enquanto o protestante prefere uma vida mais agitada com mais riscos com intuito de ganhar riquezas. Diz o provérbio, jocosamente: “Coma ou durma bem”, neste caso o protestante prefere comer bem e o católico dormir sossegado (WEBER, 2004, p. 37-41).

Esta constatação sobre o modo de ser e de agir dos protestantes e dos católicos pode de certa forma trazer elementos para a reflexão sobre o tipo ideal weberiano e da burocracia. Se formos classificar um tipo ideal protestante encontraríamos o princípio da impessoalidade, onde existe nas cabeças das pessoas um consenso coletivo que ao pedir empréstimo se deve pagar no prazo estipulado sob pena de juros, esta cultura está tão naturalizada no cotidiano protestante ao ponto de não causar estranheza dos seus operadores. Fator este é impulsionador da economia, pois a relação de confiança no seio comercial não é comprometida pela inadimplência, muito pelo contrário, e mesmo que ocorra a inadimplência é contrabalanceada pelos juros, tudo isso somada a uma busca constante de profissionalização e conseqüentemente do lucro mesmo que os meios para atingir tais resultados fossem proibidos de ponto de vista moral.

Enquanto que a igreja católica poderia ser caracterizada pelo inverso do protestante, ou seja, pela coesão social, personalidade uma profunda preocupação com a moral no sentido da permanência dos costumes seculares de salvação da alma que os leva ao ponto de não atualizar suas práticas, como por exemplo, o empréstimo com juros, esta modalidade que os protestantes utilizam não são praticadas pela igreja católica e caso houver uma situação de inadimplência ou de atraso de pagamento facilmente os investidores podem entrar numa situação complicada, pois não preveniram tais riscos

como fazem os protestantes onde o homem é dominado pela geração de dinheiro como, e pela aquisição como propósito final da vida. Ganhar sem limite combinado ao afastamento de todo prazer espontânea de viver, este é pensado como um fim em si mesmo. Também por outro lado, vale ressaltar que não existe uma ética protestante capitalista homogênea, pois existem as suas assimetrias regionais e doutrinárias variando de acordo com o país. Os calvinistas parecem ser mais intensos nas suas procuras pela riqueza se comparados aos luteranos, na França e na Alemanha os calvinistas são muito mais sucedidos em termos econômicos que os luteranos, esta diferença pode estar ligada diretamente às suas doutrinas.

Podemos perceber que Weber ao fazer uma abordagem sobre um determinado objeto de pesquisa não emite o seu juízo de valor, assim como Durkheim, mas eles têm uma diferença notável no que se refere à conceituação. Weber evita trabalhar com a categoria sociedade, mas sim de ação social, e por sua vez, Durkheim concebe a sociedade ou a estrutura como elemento definidor das relações sociais que exerce um poder coercitivo e coativo sobre os indivíduos em que estes tivessem possibilidades de reação, por outro lado Weber percebe no indivíduo um agente de mudança social não passivo somente a uma coerção social, mas, sobretudo atores sociais ativos no processo de agenciamento indivíduo sociedade. Entre tais conceitos podemos verificar relação social, associação, comunidade, Estado, dominação, legitimidade, tradição, carisma, legalidade, democracia, entre outros.

Na discussão sobre os três tipos puros de dominação, Weber nos mostra que nenhuma forma de dominação é absolutamente unilateral, segundo ele, para que houvesse uma dominação, precisa necessariamente um mínimo de legitimação da sociedade, pois em muitas sociedades para no senso comum do imaginário popular ideias que tentam explicar uma dominação sob ponto de vista único e exclusivamente do dominador como se a sociedade como um todo não fosse coadjuvante de tal processo. Também por outro lado, no sentido de não definir o provável objeto a ser estudado como o que Durkheim chamava de coisa. Weber nesse sentido, faz o caminho inverso não traz nenhuma definição para o objeto a ser estudo, para ele estes não passam de conjecturas, pois o conceito completo de “coisa” não pode ser fornecido no início da pesquisa, mas sim no fim dela (DOMINGUES, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das reflexões sobre os dois autores, um fato curioso nos chamou atenção, este se refere a não comunicação entre eles, o que indica que tinham posicionamentos diferentes ou contrários ao ponto de se ignoraram, minando assim qualquer possibilidade de diálogo, este fato chega a ser algo estranho, estranho no sentido que os dois contemporâneos fundadores da sociologia nunca terem se comunicado, nem mesmo para contestar a ideia do outro e nem para corroborar. E quando olharmos os autores aos quais eles beberam chega a impressionar, pois muitos lhes são comuns, como é o caso de Dilthey, Simmel, Tonnies, Kant entre outros.

Mas se olharmos nas entre linha da produção dos dois pensadores, apesar dos limites impostos decorrentes do período da produção do conhecimento e de suas visões de mundo, veremos as semelhanças nítidas que em alguns momentos até parecer que o Durkheim estivesse falando pela boca do Weber e vice-versa, senão vejamos a questão do método: tanto Durkheim quanto Weber elegem o método comparativo como o mais adequado, e ainda ao falar da objetividade em ciências sociais, Durkheim reconhece os limites metodológicas decorrente da especificidade do campo do conhecimento em análise. Nesse sentido, ele nos lembra que ciência social é mais complexa que as exatas ou naturais visto que, nas ciências naturais se tem quase que total possibilidade de observar de forma objetiva o seu objeto de estudo (um biólogo pode objetivamente observar uma molécula, pois este é exterior ao investigador), com esta afirmação, Durkheim admite a possibilidade de não ser objetivamente realizável uma pesquisa nas ciências humanas a exemplo das outras que citamos acima. Ainda que ele não elabore de forma contundente uma teoria admitindo a possibilidade de uma neutralidade axiológica como sustenta Weber. Mas com uma leitura atenta e nas entre linhas, nos demonstra esta possibilidade. Ao fazer um contraponto com o Weber, se percebe claramente que o autor da *Ética Protestante* antecipou o autor de *o Suicídio*, no sentido que teve a ousadia de contrariar as tendências do pensamento hegemônico do período, armadilhas essas que Durkheim não conseguiu escapar.

No que se refere à questão do método e da neutralidade axiológica, o autor traz uma nova abordagem que admite a possibilidade do juízo de valor dentro de um ambiente dominado pela objetividade. Nota-se que o autor percebeu muito cedo o espírito das ciências sociais que é absolutamente diferente das ciências naturais e para isso teriam que ter perspectivas epistemológicas diferentes, logo ele inaugura a perspectiva construtivista em sociologia. Em suma, podemos dizer que os dois autores nada devem às ciências sociais, muito pelo contrário, esta ciência tem um enorme débito com estes, enquanto pais fundadores da sociologia, e qualquer tentativa de esquecê-los ou de ignorá-los, se apresenta obscurantista e negacionista.

## REFERÊNCIAS

DOMINGUES, IVAN. 2004. **Epistemologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Ed. Loyola.

DURKHEIM, ÉMILE. 2001. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Ed. Martin Claret.

DURKHEIM, ÉMILE. 1999. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

DURKHEIM, ÉMILE. 2003. **O Suicídio**. São Paulo: Ed. Martin Claret.

FREUND, JULIEN. 1980. **Sociologia de Max Weber**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

WEBER, MAX. 2004. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalismo**. São Paulo: Ed. Martin Claret.

WEBER, Max. 1992. **Metodologia das Ciências Sociais**. parte 2. Campinas, São Paulo: CORTEZ; Ed. da UNICAMP.